

CULTURAS DA ESCOLA: AS FESTAS ESCOLARES EM SÃO PAULO (1890-1930)

CÂNDIDO, Renata Marcílio – USP

GT: História da Educação / n.02

Agência Financiadora: CAPES

A investigação realizada acerca das festas escolares nas escolas públicas paulistas no período compreendido entre 1890-1930¹ teve como objetivo investigar o papel das comemorações realizadas nas instituições de ensino para o processo de constituição de um ideal de escola e de sociedade republicana. Trata-se de compreender as maneiras pelas quais foram estabelecidas as concepções de ensino, de escola, de aluno² e de profissão docente vigentes no contexto e disseminadas nas ocasiões festivas. Articulado ao objetivo central, o intuito é entender de que forma as festas, ao elegerem datas para serem celebradas e nomes para serem lembrados, colaboraram para a constituição de uma memória histórica nacional oficial (HOBBSAWN, 1984 e BITTENCOURT, 1988). A hipótese é de que muito mais do que um momento de confraternização, de descontração e de manifestação de alegria, as festas, no caso as festividades escolares, possuíram outras funções, eram momentos privilegiados para o aprendizado de conteúdos, de disseminação de conhecimentos, de normas e de valores legitimados pela escola e pela sociedade. A festa escolar pode, dessa forma, ser apreendida neste estudo em seu duplo caráter, político e pedagógico e como um dos componentes essenciais da cultura escolar.

O termo *cultura escolar* constituiu-se em um conceito nuclear para o desenvolvimento da investigação acerca das festas e comemorações escolares. Entendeu-se *cultura escolar* segundo a concepção de Dominique Julia (2001, p. 10) como um conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de *práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). Por *cultura*

¹ Esta pesquisa foi realizada em nível de Mestrado e contou com financiamento da CAPES.

² A participação das crianças nas festas públicas foi analisada por Veiga e Gouvea (2000), estudo no qual as autoras analisam o processo de institucionalização das comemorações da criança em Belo Horizonte e como estas contribuíram para o processo de constituição da identidade do brasileiro.

escolar é conveniente compreender também as culturas infantis (no sentido antropológico do termo), que se desenvolvem nos pátios de recreio e outros espaços das escolas, afastando-se das culturas familiares (JULIA, 2001).

As festas escolares expressaram aspectos da *cultura escolar* representativa do período em questão, pois ao mesmo tempo em que a festa era regida por normas, pelo ensinamento de condutas e conhecimentos, era também composta de práticas coordenadas com finalidades educativas. As festas foram compostas de normas e práticas, as normas estabelecidas externamente pelos governantes que determinaram legalmente os dias a serem comemorados e um padrão de festa a ser seguido através de regulamentos e circulares enviados às escolas e internamente pelas instituições de ensino que reelaboraram essas normas e as transformaram em práticas significativas da escola.

As diferentes elaborações acerca da cultura escolar (VIDAL, 2005) devem ser consideradas no estudo sobre as comemorações escolares, pois assim como aconteceram com as disciplinas escolares (CHERVEL, 1990), as festas foram recriadas em diferentes momentos no contexto escolar. As normas, leis e regulamentos sobre as comemorações, por exemplo, foram apropriados de diferentes formas e transformados em práticas distintas pelos atores escolares (CHARTIER, 1990). Estas diferentes apropriações e representações presentes nas festas escolares são importantes para se pensar os diferentes sentidos que as festas tiveram em um mesmo período sócio-histórico.

Com relação ao contexto escolhido convém assinalar que um estudo profícuo das festas escolares pode ser melhor desenvolvido a partir do momento no qual a sociedade passou a contar com um sistema de ensino público organizado e constituído. Sabe-se que a criação de tal aparato no primeiro período republicano (1890-1930) não aconteceu de forma instantânea, mas de modo lento e gradativo os republicanos conseguiram concretizar muitas idéias sobre um sistema ideal de ensino defendidas pelos dirigentes já no período Imperial). No caso brasileiro, estas propostas e ações no âmbito educacional foram intensificadas no último decênio do século XIX, contexto de organização da escola e do governo segundo o modelo republicano. Os esforços para a constituição de um sistema público e estatal de ensino brasileiro, no final do século XIX e início do XX, puderam ser evidenciados, por exemplo, na construção de edifícios próprios ao ato de ensinar, na elaboração de uma

legislação específica que visava organizar os currículos e programas escolares, bem como na constituição de um corpo profissional de professores (CARVALHO, 1989; CATANI, 1989).

A investigação histórica acerca das festas escolares foi realizada mediante a análise dos artigos e textos publicados nos principais periódicos circulantes no período, a saber: *A Eschola Publica* (1895-1897), *Revista de Ensino* (1902-1919) e *Revista Escolar* (1925-1927), dos relatórios dos inspetores escolares publicados nos *Anuários de Ensino do Estado de São Paulo* (1907-1926), da legislação e das fotografias localizadas neste *corpus*.

As informações localizadas sobre as festas escolares nos periódicos e nos relatórios dos inspetores de ensino foram organizadas em algumas categorias para análise. A primeira categoria diz respeito às festas cívicas escolares, que eram as mesmas festas comemoradas na sociedade republicana, mas organizadas de acordo com um ritual específico da escola³. A segunda categoria se refere às festas que comemoraram as instituições escolares e buscaram dar visibilidade para as mesmas, marcando o seu ciclo de vida, foram as festas de inauguração, aniversário e encerramento do ano letivo. Por último, identificaram-se as festas das árvores e das aves, que almejavam despertar nos alunos o interesse pela natureza como representante máxima da pátria brasileira. A maior parte das informações foram selecionadas nas seções dedicadas às notícias dos periódicos, nestas seções eram apresentadas os principais acontecimentos do âmbito educacional, inclusive a transcrição de notas publicadas nos jornais da época.

Quanto à distribuição das diferentes categorias de festas nos periódicos é possível visualizar o seguinte quadro: *A Eschola Publica* (1893-1897), nove referências sobre festas de inauguração, aniversário e encerramento do ano letivo, três sobre as festas cívicas e nenhum artigo sobre as festas das árvores e aves. A *Revista de Ensino* trouxe em suas páginas no decorrer dos anos de 1902-1918, 11 notícias sobre festas de inauguração, aniversário e encerramento do ano letivo, oito sobre festas cívicas, oito sobre festas das árvores e das aves, duas sobre outras festas (uma festa realizada por ocasião de uma visita e uma festa realizada no Dia da Instrução) e três homenagens. Nos *Anuários de Ensino do Estado de São Paulo* (1907-1922) as referências se distribuem da seguinte forma: uma

³ Como por exemplo, com a apresentação de poemas, versos, hinos, estórias, exercícios físicos pelos alunos, passeatas.

sobre festas de inauguração, aniversário e encerramento do ano letivo, seis sobre festas cívicas, uma sobre festas das árvores e das aves e cinco sobre outras festas. Por fim, na *Revista Escolar* (1925-1927) não há referências sobre as festas de inauguração, aniversário e encerramento do ano letivo, oito sobre festas cívicas, duas sobre festas das árvores e das aves e seis sobre outras festas, dentre as quais quatro foram sobre as festas das crianças. No total, temos a seguinte distribuição: 21 referências sobre festas de inauguração, aniversário e encerramento do ano letivo, 25 sobre festas cívicas, 11 sobre festas das árvores e das aves, 13 sobre outras festas e quatro homenagens.

A ESCOLA E SEUS FESTEJOS: UMA TIPOLOGIA DOS EVENTOS REALIZADOS DURANTE O ANO LETIVO

As festas escolares organizadas nestas categorias compreenderam o ritmo anual das atividades escolares, assim como aconteceram com os festejos religiosos⁴ em outros contextos sócio-históricos. Elas eram realizadas nas datas previstas todos os anos e assim, puderam contribuir para a percepção e afirmação de um ciclo de vida inerente à escola. Outras festas também foram noticiadas nas páginas das revistas, entretanto, devido ao seu caráter esporádico foram analisadas a partir das categorias de investigação previamente definidas. Foram exemplos destas festas, as homenagens feitas a personalidades ilustres, a comemoração do dia da criança, o dia da instrução e as festas realizadas por ocasião do centenário da Independência no ano de 1922.

O caráter político das comemorações: as festas cívicas e a promoção da República

As comemorações cívicas realizadas nas escolas públicas paulistas estiveram intimamente associadas ao ideário republicano. Ao mesmo tempo em que as festas fizeram parte de uma cultura própria da escola, elas também contribuíram para a consolidação do sistema político republicano, engendrando um modelo de cidadão a ser formado nas

⁴ BARROS, Marcelo, 2002; BERKENBROCK, Volney, 2002; DEL PRIORI, 2000 e BRANDÃO, Carlos Rodrigues, 1978.

instituições de ensino de acordo com o novo ideário político. A constituição de um sistema público estatal de ensino e das festas que celebraram este aparelho escolar, no caso brasileiro, foram utilizadas como propaganda, divulgação e afirmação do novo regime que se instaurava⁵. Através das festas os indivíduos puderam ver concretizados os ideais, valores e normas de um projeto político para a sociedade.

Cabe destacar que o período posterior à implantação de um novo regime político tem importância indelével para a consolidação do mesmo. Faz-se necessário disseminar uma nova ideologia, concebida como instrumento clássico de legitimação de regimes políticos no mundo moderno e como a justificação racional da organização do poder. A escolha de uma ideologia representativa de um novo regime é sempre um acontecimento marcado por tensões e conflitos pelos vários segmentos que disputam o poder em determinados contextos sociais e históricos. Isso não foi diferente no caso brasileiro, para cada crise ou transformação social é preciso que se construa uma nova tradição, que se defina quais eventos e pessoas devem ser lembradas e quais devem passar ao esquecimento (CARVALHO, 1990; OLIVEIRA, 1989).

As festas organizadas na República almejaram assinalar a continuidade entre as gerações, a continuidade com o passado ou com parte deste passado, contrariando a idéia da construção de um marco inédito pelos republicanos na tradição histórica brasileira (OLIVEIRA, 1989). As festas escolares, que não se resumiam nas comemorações das datas cívicas oficiais, deveriam contribuir para o novo regime demonstrando o progresso do estado de São Paulo e do país, apresentado um novo modelo de cidadão republicano a ser incorporado por todos e contribuindo para a constituição de um imaginário político, histórico e social através da comemoração das seguintes datas.

- ✓ 21 de Abril, consagrado à comemoração dos precursores da Independência do Brasil, personificado na figura de Tiradentes⁶;
- ✓ 3 de Maio, consagrado à comemoração da descoberta do país;
- ✓ 13 de Maio, consagrado à comemoração da fraternidade dos brasileiros;

⁵ Foi no momento de constituição dos Estados-Nação (século XIX) que a escola tornou-se, na maior parte dos países Ocidentais, uma instituição de grande relevância política e social (GALLEGO, 2003).

⁶ FONSECA, 2002.

- ✓ 14 de Julho, consagrado à comemoração da República, da Liberdade e da Independência dos povos americanos;
- ✓ 7 de Setembro, consagrado à comemoração da Independência do Brasil;
- ✓ 15 de Novembro, consagrado à comemoração da proclamação da República, e
- ✓ Festa da Bandeira, realizada no dia 19 de novembro.

Os rituais cívicos, nas escolas, eram planejados cuidadosamente pelas autoridades e pelos educadores que ocupavam cargos administrativos na Diretoria de Instrução Paulista: os professores recebiam, antecipadamente e de forma detalhada, as regras sobre o método a ser utilizado nas festividades escolares e a programação a ser cumprida no dia da solenidade. A utilização de uniformes e a execução de marchas e movimentos semelhantes aos do exército também foi uma constante na época.

Às festas cívicas foi dada toda a visibilidade possível, elas foram as mais noticiadas, sendo objetos de artigos em todas as revistas de ensino selecionadas durante todo o período delimitado para o estudo. Acreditava-se que o civismo constituía-se o mais alargado sentimento social, que formaria a “simpatia universal” e a união dos povos (CARDIM, 1916). Em 1922, ano do centenário da Independência do Brasil, a comemoração das datas de 15 de novembro relativa à Proclamação da República e 19 de novembro, Dia da Bandeira, tiveram um significado especial. No ano de 1922, o *Anuário de Ensino do Estado de São Paulo* publicou uma circular expedida aos diretores de Escolas Normais Profissionais, Escolas Reunidas e professores das Escolas Isoladas que apresentava as orientações para os festejos do centenário da Independência do Brasil, que, segundo o documento, deveriam ter verdadeiro cunho popular e assumir as proporções dignas de um fato histórico a ser lembrado. As festas deveriam ser realizadas com o máximo brilho nos estabelecimentos de ensino, associando o povo aos festejos desses dias e as preleções, feitas aos alunos perante o povo das localidades, deveriam evidenciar as vantagens do regime republicano sobre o monárquico.

O programa apresentado deveria ser seguido por todas as instituições de ensino, e nas escolas isoladas onde não pudesse ser seguido o programa com todas as partes indicadas deveria ser realizada a festa escolar das nove horas. Nesse mesmo exemplar do periódico ainda foram publicadas diversas fotografias de escoteiros nas comemorações do

centenário da Independência. As impressões acerca deste festejo, bem como a transcrição do programa foram registradas nas páginas do *Anuário de Ensino do Estado de São Paulo de 1922*:

Após as festas cívicas com que celebramos o primeiro centenário de nossa emancipação política, primeira vitória da nacionalidade brasileira no terreno da democracia, demonstremos ainda no ano do centenário da Independência, nosso ardente amor à forma de governo republicano, a única capaz de conduzir o Brasil aos altos destinos que lhe estão reservado na vida das nações, e o Pavilhão do Cruzeiro, emblema das aspirações democráticas de nossa nacionalidade (*Anuário de Ensino do Estado de São Paulo*, 1922, p. 353-354).

A relação entre as festas escolares e o sistema político então vigente pôde ser evidenciada na celebração dos ideais republicanos seja através da escolha das datas que deveriam ser comemoradas ou do próprio tema da festa, seja a partir de momentos do próprio ritual festivo, como as homenagens, os cantos, os hinos, as poesias declamadas pelos alunos. As festas vinham confirmar os ensinamentos aprendidos na escola e pelo seu caráter público disseminá-los para toda a população. Elas buscavam naturalizar sentimentos, valores e normas associados ao novo regime político. Sua eficácia pedagógica era a razão da existência de sua prática, uma vez que “na esteira de Gustave Le Bon, entendia-se a educação como mecanismo de fazer passar atos do domínio do consciente para o inconsciente” (CARVALHO, 1989, p.77).

Apesar do governo selecionar e detalhar como cada data cívica deveria ser comemorada e propor através delas a naturalização do regime republicano, nota-se, a partir dos textos dos professores (no caso, dos romances selecionados⁷) e dos inspetores que o objetivo destas festas cívicas ficavam obscurecidos por outras funções assumidas pelas festas, como a exposição do *status* social da instituição escolar e do seu diretor e também dos alunos, arrecadação de dinheiro para ornamentar da melhor maneira possível as escolas, no cumprimento simples e sem emoção de determinações legais, perdendo-se, desse modo, o objetivo primeiro, almejado pelos dirigentes, da festividade que era despertar o sentimento do patriotismo e do civismo. Esses diferentes sentidos atribuídos a um mesmo

⁷ **O calvário de uma professora** (1927) escrito por Dora Lice; o livro de Raimundo Pastor, intitulado **Alegrias, agruras e tristezas de um professor** (1926) e, por fim, **O professor Jeremias** (1921) escrito por Léo Vaz.

tipo de festejo, no caso a festa cívica, demonstraram que as “apropriações” que são feitas das festas podem extrapolar os desígnios propostos para ela.

Deixar ver o progresso: as festas de inauguração, aniversário, encerramento e de formatura das instituições de ensino

No projeto educacional idealizado pelos reformadores paulistas, tão importante quanto construir os prédios apropriados ao ato do ensino, realizar reformas, elaborar leis e decretos e formar profissionais para a área educacional, era mostrar aos alunos, aos professores e à sociedade como um todo, a importância que a educação possuía neste novo contexto político e social⁸. A proposta educacional republicana esteve associada à disseminação da idéia sobre a relevância do ensino para o “progresso” e o desenvolvimento social e econômico do país, utilizando-se, para isso, das festas que celebravam a instituição escolar como “templo do saber e de luz” (CARVALHO, 1989; SOUZA, 1998).

As festas de inauguração de escolas, aniversários, formatura e encerramento do ano letivo, noticiadas durante todo o período considerado para o estudo, mas de forma mais recorrente nos primeiros anos do novo regime político, constituíam-se exemplos dos festejos engendrados para a celebração das instituições de ensino e do seu ciclo de vida, cujo início aconteceria com festa de inauguração e o fim com a festa de formatura/encerramento do ano letivo. As comemorações relacionadas à escola, na opinião do professor Francisco Furtado Mendes Vianna (1903) visavam assinalar “mais um marco implantado para a senda de seu progresso, mais uma conquista para o seu engrandecimento” (*Revista de Ensino*, junho de 1903, p. 138).

O sistema escolar, considerado o emblema da nova ordem administrativa educacional, deveria se fazer ver – daí a importância das cerimônias de inauguração e aniversários das instituições escolares. Nada deveria ser feito no âmbito educacional sem o conhecimento da maior parte da população. As festas que celebravam a escola poderiam ser consideradas, desse modo, como uma verdadeira propaganda do empenho governamental no âmbito do ensino.

⁸ A temática educacional em eventos festivos de divulgação mundial, como as Exposições Internacionais, no século XIX foi discutida por Moysés Kuhlmann Junior (2001).

À visão do luminoso templo laico levantado com recursos que o Império havia destinado à construção de uma catedral, contrapunham-se visões tenebrosas da escola na velha ordem: ‘casas sem ar e luz, meninos sem livros, livros sem método, escolas sem disciplina, mestres tratados como párias’ (CARVALHO, 1989, p.24).

Estas festas foram noticiadas de forma recorrente nas primeiras décadas republicanas, representadas num primeiro momento pelos artigos publicados na revista *A Eschola Publica* (1893-1897) e nas décadas seguintes pela *Revista de Ensino* (1902-1918). Podemos inferir a partir do exame dos artigos publicados na revista especializada *A Eschola Publica* que existiu num primeiro momento uma intensa preocupação em deixar patente o avanço que vinha sendo alcançado pelo novo regime político no campo educacional, evidenciado, principalmente, em uma grande quantidade de artigos relativos a festas de inauguração e aniversários de grupos escolares e escolas modelos, bem como as festas de encerramento do ano letivo⁹. A análise dos artigos permitiu perceber que durante os primeiros decênios republicanos houve uma maior incidência de notícias sobre esta temática com o objetivo de deixar explícito todos os investimentos feito pelos republicanos, já a partir da década de 1910 existiu uma diminuição de referências acerca dessas festas.

Os programas das festas de inauguração e de encerramento do ano letivo se distinguiram das demais comemorações pela realização da inspeção geral em todos os anos, com a finalidade de saber as reais condições para a abertura e o funcionamento das escolas e se estas estavam desenvolvendo as atividades de ensino de acordo com as regulamentações legais. Além disso, a descrição do programa vinha acompanhada, algumas vezes, de fotografias do edifício escolar, informações sobre a instituição de ensino (número de alunos do sexo feminino e masculino, número de professores, de salas de aulas, matrículas, entre outras). Outros, além da fotografia, traziam trechos de notícias publicadas em jornais de ampla circulação acerca destas solenidades. Além disso, existia como prática para registrar determinado evento nas páginas das revistas a transcrição dos discursos pronunciados nas ocasiões festivas.

⁹ No período de circulação da revista, 1893 a 1897, foram selecionados doze artigos que tratavam do tema festas escolares, dentre estes quatro tratavam de inauguração de grupos escolares e escolas modelos, quatro de aniversários e dois de encerramento e os outros três traziam notícias sobre a festa cívica em comemoração à nossa Constituição, a comemoração da data de 13 de maio e 15 de novembro.

As festas de inauguração, aniversário, encerramento do ano letivo e formatura eram comemorações públicas com duas funções principais: destacar os feitos políticos no âmbito educacional e confirmar a importância da escola entre pais, alunos e professores para a sociedade republicana. A população costumava ver com bons olhos os acontecimentos festivos e um dos objetivos das festas era mesmo incitar a simpatia e despertar em todas as sociedades o mais vivo entusiasmo pela educação (*Revista de Ensino*, junho de 1911, p. 40-41). Consideradas como *Templos de Luz* (SOUZA, 1998), metáfora associada à religiosidade cívica, as escolas eram as únicas instituições, concebidas, naquele momento, como capazes de *iluminar* o futuro da população brasileira, trazendo o progresso econômico, político e social.

A Pátria representada na natureza: as festas das árvores e das aves

Os festejos que celebravam a natureza, representadas pelas festas das árvores e das aves, estiveram associadas de forma bastante contundente com a idéia de pátria brasileira. Nestas festas, a pátria passava a ser representada de forma concreta pela sua “abençoada” natureza e ensinar o amor e o respeito à natureza, segundo os educadores da época, tinha o mesmo significado que disseminar o patriotismo. Além disso, o potencial educativo destas festas revelava-se no ensinamento da importância da preservação da vegetação para o progresso ou para o empobrecimento de um país, no caso de desmatamento. As festas relativas à natureza foram objeto de atenção dos educadores do período de forma menos recorrente em comparação com as festas tratadas anteriormente. Entretanto, o fato destas festas serem as menos noticiadas¹⁰ não diminuiu sua importância para o estudo, mesmo porque o registro desses acontecimentos nos noticiários dos periódicos possuía como um dos objetivos prolongar o efeito da comemoração, que poderia ser conhecida por um número maior de pessoas, os leitores das revistas, e rememoradas por aqueles que delas participaram.

¹⁰ Ao todo foram publicadas, durante todo o período, 11 notícias nos periódicos selecionados, distribuídas da seguinte forma: dois artigos na *Revista de Ensino* do ano de 1902 e um artigo nos anos de 1903, 1906, 1908, 1911, 1915 e 1916. Uma notícia nos *Anuários do Ensino do Estado de São Paulo* de 1910-1911 e dois artigos na *Revista Escolar* dos anos de 1925 e 1926.

As notícias sobre as festas das árvores e das aves acontecidas nas escolas de diferentes graus eram acompanhadas, geralmente, da publicação de poemas, poesias e histórias sobre a natureza e os cuidados que os cidadãos deveriam ter com essa. As poesias, hinos e peças apresentadas pelos alunos relacionavam-se com o tema da festa. Foi comum, neste período, a publicação de livros e edições especiais dos periódicos sobre as datas festivas, como exemplo, pode-se citar a edição especial da *Revista de Ensino* de 1911, dedicada em grande parte “à publicação de trabalhos literários que constituem uma coletânea para a Festa das Árvores, a efetuar-se em Setembro, à imitação do que já fez a Diretoria do Ensino para a Festa das Aves comemorada em Abril” (*Revista de Ensino*, junho de 1911, p.03). O ritual das festas da natureza também se destacaram dos demais pela inserção nos programas de momentos específicos para a prática do plantio de mudas de árvores de diferentes espécies pelos alunos e professores.

No âmbito educacional, as Festas das Árvores e das Aves possuíam como principal objetivo desenvolver nas crianças e na população que delas participavam sentimentos simpáticos de admiração pela natureza, “predispondo-a ao trato carinhoso a que tem jus as árvores e os pássaros” (*Anuários de Ensino do Estado de São Paulo*, 1910-1911). Na opinião de José Monteiro Boanova, em relatório publicado nos *Anuários* em 1910-1911 e enviado ao Secretário dos Negócios do Interior, estas festas eram de suma importância para o desenvolvimento do sentimento nacionalista e deveriam ser realizadas todos os anos no mês de setembro, mês de início da primavera.

O alto alcance, as múltiplas vantagens que oferecem as festas escolares consagradas às árvores e aos pássaros, justificam plenamente a designação de dias especiais a eles consagrados.

As comemorações das datas mais notáveis da nossa história despertam, sem dúvida, o sentimento da nacionalidade, a par do tributo de grata veneração aos nossos antepassados (*Anuários de Ensino do Estado de São Paulo*, 1910-1911, p. 53-54).

A festa das árvores foi concebida pelos educadores da época como uma instituição norte-americana que em “boa hora” foi “brilhantemente” iniciada no Estado de São Paulo, após já ter sido transplantada para a maior parte dos países europeus. Neste caso, cabe destacar a contradição existente entre o país responsável pela criação e disseminação mundial das festas das árvores. Pintassilgo (1998) afirma que a festa da árvore foi iniciada

pelos revolucionários franceses e a *Revista de Ensino* (1902) diz que sua origem deu-se na América do Norte. Contudo, não existiram diferenças explícitas no significado desta celebração para os dois países citados e o Brasil, representado neste estudo pelo Estado de São Paulo, que parece ter recebido influências equivalentes destes dois países.

Com relação à melhor data para a comemoração das festas das árvores e das aves, a sugestão feita pelo educador José Monteiro Boanova (1926) de celebrar as festas das árvores e das aves conjuntamente nos meses de setembro de cada ano não foi considerada e permaneceu a orientação oficial de se comemorar as árvores no mês de setembro e as aves no mês de abril. Assim, como as árvores, as aves eram consideradas símbolos da natureza brasileira e por isso deveriam ser cuidadas e respeitadas. As festas em homenagem às aves seguiam de forma similar o programa executado por ocasião das festas das árvores: recitativos, hinos patrióticos e cantos referentes ao ato constituíam elementos fundamentais dos festejos em qualquer instituição de ensino.

A “Festa das Aves” é realizada em abril, em todos os grupos-escolares do nosso progressista e querido Estado de São Paulo.

Este ano, no nosso grupo escolar vai, ser muito bonita, com muito recitativos, hinos patrióticos e cantos referentes ao ato, entre flores e vivas, com entusiasmo e, sobretudo, no maior da maior e mais franca alegria da criança. E é preciso que assim seja, para que aprendamos a amar as aves, estes seres tão úteis quanto inocentes, aos quais devemos proteger por todos os meios ao nosso alcance, e não proceder como os ignorantes, que destroem esse tesouro precioso com que nos dotou a natureza, sempre pródiga e benfazeja (*Revista Escolar*, março de 1926, p.79-80).

Ao lado das festas dedicadas às árvores e as aves também eram noticiados os “Garden Party”, festividades que aconteciam em lugares abertos e próximos à natureza, geralmente em parques e, que almejavam, assim com as outras duas festas, incitar o amor à natureza. As festas realizadas na e pela natureza relacionaram-se ao princípio escolanovista de que a educação deveria realizar-se em locais mais próximos da natureza (NÓVOA, 1995). As festas, segundo João Lourenço Rodrigues (1907-1908) corresponderiam ao espírito amorável da escola moderna, na qual a criança, guiada com bondade, deveria sentir-se livre para achar prazer e atrativos sempre novos em seu trabalho cotidiano (*Anuários de Ensino do Estado de São Paulo*, 1907-1908).

Ao buscar enfatizar aspectos da natureza brasileira, como as árvores e as aves, as festas destinadas a este fim visavam ensinar às crianças o verdadeiro amor à pátria brasileira, contribuindo para o desenvolvimento do sentimento nacionalista e do patriotismo. Estas festas engendraram uma representação social da natureza ao associarem, por exemplo, pátria e natureza. O conceito abstrato de Pátria tornava-se concreto na realização e desenvolvimento da festa e na participação das crianças e sociedade nestas. O patriotismo apresentava-se como a ideologia capaz de gerar o consenso necessário à consolidação da república, desempenhando a mesma função integradora que a religião católica no tempo da Monarquia em Portugal e do Império no Brasil (PINTASSILGO, 1998). A árvore era um símbolo da religiosidade cívica fomentada pelo republicanismo, a força de regeneração que o novo regime pretendia instaurar.

Algumas questões finais

As diferentes festas realizadas nas escolas primárias paulistas não tiveram a mesma representação tampouco foram apropriadas da mesma forma (CHARTIER, 1990). A primeira distinção que se deve fazer relaciona-se às diferentes instituições responsáveis pela educação primária da população: “escolas isoladas”, escolas reunidas, escolas-modelo e os recém-criados grupos escolares¹¹ (criados em 1893), considerados a expressão máxima do progresso republicano no âmbito educacional. Além do caráter paradigmático assumido pelas escolas-modelo e pelos grupos escolares, não se pode desconsiderar as diferenças entre os estabelecimentos localizados na zona urbana e na zona rural (GALLEGO, 2003), que influenciaram na organização dos festejos, por exemplo, para as chamadas “escolas isoladas” era aceitável a realização de festas menos dispendiosas devido à escassez de recursos de tais escolas (*Anuários de Ensino do Estado de São Paulo*, 1922).

As diferenças entre as festas também podem ser percebidas nos sentidos atribuídos a elas. De acordo com Silva (2004), os sentidos não são dados *a priori*, mas são construídos numa base cultural, num conjunto de valores e representações, em situações de interação e relação. Se em um primeiro momento as festas foram valorizadas enquanto artifício para a

¹¹ O modelo da escola graduada como instituição privilegiada para a educação popular difundiu-se em nível mundial no final do século XIX e início do XX. Sua organização caracterizou-se na classificação homogênea dos alunos, na existência de várias salas de aula e vários professores (SOUZA, 1998).

confirmação dos avanços do governo no campo educacional, após alguns anos de implantação do sistema de ensino, sua potencialidade passa a ser contestada e ela é concebida até como uma das causas perturbadoras do ensino, sem nenhuma utilidade para o fim da educação (Beckmaun, 1908; Kuhlmann, 1919; Carneiro Junior, 1908-1909). Entretanto, continua a acontecer, mas com outros sentidos e propósitos que não os mobilizados inicialmente.

Pode-se atribuir essa alteração no papel das festas à própria assimilação dessas na cultura escolar. Ao fazerem parte de um modo cada vez mais recorrente do cotidiano escolar, constituindo-se em um dos aspectos da cultura específica da escola, observou-se que, ao se alcançar os objetivos explicitados, não foi mais necessário marcar a festa como uma novidade educacional. Quando as escolas-modelo e os grupos escolares foram criados, muitas foram as mudanças a serem incorporadas por professores, alunos e também pelos pais. Nesse sentido, as festas consistiram em um dos vários aspectos introduzidos e que gradativamente entranharam-se nas representações sociais do que compõe a cultura escolar.

A festa pode ser considerada como um ritual, composto de elementos e técnicas conformadores de uma cultura festiva, que muda segundo as finalidades das comemorações e as instituições sociais que as promovem. Em outras palavras, uma máquina (OZOUF, 1976), que pronta para ser montada ou desmontada, repete alguns elementos permitindo que a comemoração exerça uma grande influência e atração independentemente do local e momento no qual aconteça. A técnica da festa permite que ela seja ressignificada em diferentes contextos, bem como que ela seja apropriada de diferentes formas em um mesmo contexto social e político. O potencial educativo da festa baseia-se justamente nesta técnica que se apresenta tão eficaz para diferentes fins. A mudança dos objetivos dos festejos depende das formas pelas quais seus elementos são ressignificados pelos idealizadores da festa e apropriados de formas diferentes pelos participantes das mesmas.

A comemoração possuía uma série de características, de rituais, de técnicas que muito mais do que um momento para divertimento foi considerada um momento de aprendizado de conteúdos, valores, normas e comportamentos aceitáveis socialmente. Entretanto, faz-se importante salientar que nem todos se utilizaram e se apropriaram dos festejos da mesma forma, seguindo o que estava previsto oficialmente, alguns diretores utilizaram as festas para se promoverem socialmente e na carreira, os inspetores de ensino

para constatarem o real adiantamento do ensino, os professores para demonstrarem o avanço escolar, o desenvolvimento dos seus alunos e para afirmarem suas identidades, já para os alunos as comemorações poderiam ser consideradas momentos muito especiais, nos quais eles, participantes ativos, eram os co-responsáveis pelo seu sucesso.

Referências bibliográficas:

BITTENCOURT, Circe. *As “Tradições Nacionais” e o Ritual das Festas Cívicas*. In: PINSKY, J. NADAI, E. et al. **O ensino de história e a criação do fato**. São Paulo: Contexto, 1988, p. 43 - 73.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Divino, O Santo e A Senhora**. Rio de Janeiro: Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1978.

CARDIM, Carlos A. Gomes. **As comemorações cívicas e As Festas Escolares**. São Paulo: Augusto Siqueira & C., 1916.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A escola e a República**. São Paulo: Ed. Brasiliense: 1º ed., Col. Tudo é História, 1989.

CATANI, Denice Barbara. **Educadores à meia luz: um estudo sobre a Revista de Ensino da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo**. Tese de Doutorado. São Paulo: FEUSP, 1989.

CATANI, Denice Barbara. *Informação, Disciplina e Celebração: Os Anuários do Ensino do Estado de São Paulo*. **Revista da Faculdade de Educação da USP**, São Paulo, v. 21, n. 2, 1995, p. 9-30.

CHAMOM, Carla Simone. **Festejos Imperiais: Festas Cívicas em Minas Gerais (1815 – 1845)**. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2002.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: Difel, 1990.

CHERVEL, André. *História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa*. **Teoria & Educação**, nº 2, 1990, p. 177- 229.

CHOUCAIR, Aline. *Práticas escolares nas festividades da “Semana da Pátria” e “Dia do Trabalho” em Minas Gerais (1937-1945)*. **Atas do Congresso Brasileiro de História da Educação**, Curitiba: 2004, p.01-11.

CINTRA, Assis. **Alma Brasileira**. São Paulo: Cia. Melhoramentos de São Paulo (Weiszflog Irmãos Incorporado), 5ª ed., s/d.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis – Para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 5ª edição, 1990.

DEL PRIORE, Mary. **Festas e Utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

Dora Lice. **O calvário de uma professora**. 1927

FARIA FILHO, Luciano Mendes; GONÇALVES, Irlen Antônio; PAULILO, André Luiz; VIDAL, Diana Gonçalves. *A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira*. **Educação e Pesquisa** São Paulo, v. 30, n. 1, jan – abr/2004, p. 139-159.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima e. *O herói nacional para crianças: produção e circulação de imagens de Tiradentes na escola primária brasileira*. **Anais da 25ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação: Educação: manifestos, lutas e utopias**. Caxambu: ANPED, 2002. v. 1. p. 01-17.

GALLEGO, Rita de Cássia. **Uso(s) do tempo: a organização das atividades de alunos e professores nas escolas primárias paulistas (1890-1929)**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FEUSP, 2003.

JULIA, Dominique. *A cultura escolar como objeto histórico*. **Revista Brasileira de História da Educação**, n. 1, jan.-jun/2001, p. 09-43.

JUNIOR, Francisco Oliveira. **Festas Escolares**. São Paulo, s.d.

KUHLMANN, Moysés. **As grandes festas didáticas: a educação brasileira e as exposições internacionais (1862-1922)**. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2001.

NAGLE, Jorge. *A Educação na Primeira República*. In: FAUSTO, Boris (org.), **O Brasil Republicano**. Rio de Janeiro: Difel, 1978, p. 261-291.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *As festas que a República manda guardar*. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 4, 1989, p. 172-189.

OZOUF, Mona. *A festa: sob a Revolução Francesa*. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 216-232.

PINTASSILGO, Joaquim *Religiosidade cívica republicana – o exemplo da festa da árvore*. **Atas do II Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação**. São Paulo: FEUSP, 1998, p. 448-455.

SILVA, Vera Lúcia Gaspar da. **Sentidos da profissão docente**. Tese de Doutorado. São Paulo: FEUSP, 2004, p. 01-29.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de Civilização: a Implantação dos Grupos Escolares no Estado de São Paulo (1890-1910)**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

SOUZA, Rosa Fátima de. *Rituais escolares: liturgia cívica e glorificação da memória (aproximações históricas)*. In: PORTO, SANCHEZ TEIXEIRA, FERREIRA SANTOS, BANDEIRA (orgs.). **Tessituras do Imaginário: cultura & educação**. Cuiabá: Edunic/CICE/FEUSP, 2000, p. 173-184.

VEIGA, Cynthia Greive e GOUVEA, Maria Cristina S. *Comemorar a infância, celebrar qual criança? Festejos comemorativos nas primeiras décadas republicanas*. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 26, nº 1, jan – jun/2000, p.135-160.

VICENTINI, Paula Perin. **Imagens e representações de professores na História da Profissão Docente no Brasil (1933-1963)**. Tese de doutorado. São Paulo: FEUSP, 2002.

VIDAL, Diana Gonçalves. **Culturas escolares** – Estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX). Campinas: Autores Associados, 2005.

VINÃO FRAGO, Antonio. *Culturas escolares, reformas e innovaciones: entre la tradición y el cambio*. **VIII Jornadas Estatales Fórum Europeo de Administradores de la educación**. Murcia: 1996, p.17- 29.

